Para a História do Socialismo
Documentos
www.hist-socialismo.net

Tradução do russo e edição por CN, 13.07.2013
(original em: http://marksizm.ucoz.ru/_ld/0/16_MiS_2002_1-2_22.pdf)

Não é uma relíquia marxista mas um guia para a acção

Por ocasião do centenário da publicação do livro de V.I. Lénine *Que Fazer? Problemas candentes do nosso movimento*

I.A. Murátova[1]

Nos nossos dias ouvimos não raras vezes que os comunistas devem responder aos desafios que são colocados pelo nosso século. Por tais desafios subentende-se habitualmente a alteração das condições históricas e as complexas questões relacionadas com os acontecimentos que conduziram à liquidação do socialismo na URSS e as suas consequências para o mundo no seu conjunto. Pensamos, no entanto, que o principal desafio dos comunistas, hoje, está no legado revolucionário teórico e prático de Lénine, em exclusiva conformidade e concordância com o qual, e aferindo por ele a nossa estratégia e táctica, podermos dar verdadeiramente uma resposta prática comunista às exigências da actualidade. De facto, os pungentes trabalhos de polémica e crítica de Lénine dirigem-se aos comunistas de hoje, não em menor, mas até em maior medida do que aos seus contemporâneos, companheiros e adversários. Isto é uma evidência para quem consulta sistematicamente os escritos de Lénine em geral e, em particular, a obra *Que Fazer?*.

A brochura de Lénine foi escrita em 1902, num período de divergências, quando a principal atenção da social-democracia russa se concentrava no esclarecimento e resolução de questões partidárias internas. Havia pouco, no período entre 1894 e 1898, a social-democracia alcançara a unidade ideológica e foram empreendidas tentativas para alcançar também a unidade na actividade prática, organizativa (fundar o Partido Operário Social-Democrata da Rússia). Nessa altura, a atenção dirigia-se para luta ideológica contra os adversários da social-democracia, por um lado, e para o desenvolvimento do trabalho partidário prático, por outro. Como tarefas via-se o aprofundamento e alargamento do trabalho prático, uma vez que não se levantavam quaisquer obstáculos ao nível dos pontos de vista gerais,

[1] Irina Anatolievna Murátova é filósofa marxista, docente no Instituto Politécnico de Kíev. O presente artigo foi publicado na revista *Markcism e Sovremennost*, n.º 1-2 (22-23) de 2002, publicação fundada em 1995 pela União dos Comunistas da Ucrânia (*N. Ed.*)

princípios e da teoria, dado que na altura ainda não tinham surgido dificuldades na combinação da luta política com a luta económica. Entre a teoria e a prática dos sociais-democratas ainda não havia o antagonismo que surgiu na época do «economismo» (entre os anos de 1897-1898 e 1902), quando se agudizou bruscamente a contradição entre a teoria, programa, objectivos tácticos e a prática da social-democracia. Foi nesta sequência que se tornou necessário realizar uma «*clarificação dos pressupostos teóricos do trabalho prático*», antes de se encarar novamente o seu aprofundamento e alargamento. A necessidade de uma «"explicação" sistemática (...) *com* todos *os "economistas" sobre* todos *os pontos capitais*» das divergências exigia começar *ab ovo* (desde o princípio) e analisar as dificuldades do ponto de vista da única teoria do socialismo revolucionário, só conhecida da humanidade contemporânea, isto é, o marxismo, o qual uma parte dos sociais-democratas pretendia meter na gaveta com base numa crítica oportunista e burguesa. A falta de princípios e de ideologia acabaria por levar estes últimos a colaborarem com os liberais.

A exigência de «"*uma atenção vigilante para o aspecto teórico do movimento revolucionário do proletariado*"» e o apelo a criticar implacavelmente as tendências anti-revolucionárias haviam sido feitos em 1899, quando a «*crise do marxismo estava, desde há muito, na ordem do dia*».[2] O desenlace desta luta teórica, e a saída desta crise, consistia na ruptura definitiva da tendência revolucionária com a tendência oportunista. O descuido em relação à teoria dá frutos amargos na prática. Lénine sublinha que «*precisamente durante a revolução nos farão falta os resultados da luta teórica contra os críticos para lutar resolutamente contra as suas posições* práticas!»[3]

Tal é a importância histórica da orientação *iskrista*-leninista. Mas também hoje a crítica leninista aos «*críticos*» não só não perdeu a sua importância, como se tornou ainda mais actual. Com efeito, partido e organização combativa de revolucionários não são para cada comunista uma e a mesma coisa, com todas as consequências teóricas, políticas e organizativas que daí decorrem. Com frequência ouvem-se vozes entre os membros do partido de que, alegadamente, a revolução não é um assunto actual, de que o carácter revolucionário e de classe na teoria e na prática é hoje descabido. Sobre a ditadura do proletariado, caso não se tenha já renunciado ao princípio, o melhor é omiti-la, não é popular. Socialização da propriedade? Também é melhor não a realçarmos, para não assustar, disfarcemos.

Não será a nós que Lénine dirigiu a seguinte exigência: «*Histórica e logicamente* (...) toda *a tendência revolucionária, se pensa realmente numa luta séria, não pode prescindir de* [uma] *organização revolucionária* [de combate].»[4] E tal organização só é possível se assentar numa base teórica firme e se se guiar por teoria revolucionária. Sem teoria revolucionária não é possível um movimento revolucionário. Por exemplo, Lénine considerou que o grande mérito histórico dos

---

[2] *Que Fazer? Problemas Candentes do Nosso Movimento* (1902), V.I. Lénine, *Obras Escolhidas* em três tomos, Ed. Avante!, Lisboa, 1981, t. 3, p. 96. (*N. Ed.*)

[3] Idem, ibidem, p. 203 (nota de rodapé). (*N. Ed.*)

[4] Idem, ibidem, p. 174 [Lénine refere-se aqui à organização de combate dos partidários de «A Vontade do Povo»]. (*N. Ed.*)

partidários de «A Vontade do Povo»[5] foi o facto de terem procurado «*integrar* todos os descontentes *na sua organização e orientá-la para a luta decidida contra a autocracia*».[6] «*O seu erro*», segundo Lénine, «*consistiu em se terem baseado numa teoria que, na realidade, não era de modo algum uma teoria revolucionária, e não terem sabido, ou não terem podido, estabelecer um ligação firme entre o seu movimento e a luta de classes no seio da sociedade capitalista em desenvolvimento.*»[7]

Não será a nós que é dirigido o reparo de Lénine de que «*só a mais grosseira incompreensão do marxismo (ou a sua «compreensão» no sentido do "struvismo")*[8] *pode levar à opinião de que o aparecimento de um movimento operário espontâneo de massas nos* exime *da obrigação de criar uma organização de revolucionários tão boa como a dos partidários da "Terra e Liberdade", ou até incomparavelmente melhor*». O movimento operário, pelo contrário, «impõe-nos *precisamente esta obrigação, porque a luta espontânea do proletariado não se transformará na sua verdadeira "luta de classe" enquanto não for dirigida por uma forte organização de revolucionários*».[9] «*Se começarmos por estabelecer de uma maneira sólida uma forte organização de revolucionários, podemos assegurar a estabilidade do movimento no seu conjunto*».[10]

Não assistimos hoje também a essa fuga às responsabilidades que Lénine desmascarou, e que agora ressurge sob o pretexto de que os operários são indiferentes, não lutam, de que não existe um movimento operário minimamente importante (quanto mais revolucionário!), de que o papel histórico da classe operária está a tornar-se duvidoso, e que, portanto, não é tempo para organizações revolucionárias?

Não serão os comunistas que pensam deste modo, consciente ou inconscientemente, porta-vozes das ideias que Lénine classificou sem rodeios de pequeno-burguesas, insistindo incessantemente na necessidade de romper com elas? Poder-se-á apresentar tais ideias a coberto do estandarte da militância comunista?

Lénine, ao exigir a ruptura definitiva com as ideias pequeno-burguesas sobre o socialismo, sublinhou o seu carácter «*INCONTESTAVELMENTE reaccionário, por quanto se apresentam na qualidade de teorias socialistas*».[11] «*As teorias destes*

---

[5] «A Vontade do Povo» («Народная воля») foi uma organização revolucionária populista, surgida em 1879 da cisão do partido «Terra e Liberdade» («Земля и воля»), que adoptou métodos violentos de luta para forçar o regime a realizar reformas democráticas. (*N. Ed.*)

[6] *Que Fazer?,* op. cit., p. 174. (*N. Ed.*)

[7] Idem, ibidem. (*N. Ed.*)

[8] O «struvismo» (Piotr Berngárdovitch Struve – 1870-1944) ou «marxismo legal» foi uma tendência da burguesia liberal na Rússia dos anos 1890-1900 que, na aparência, reconhecia o marxismo, mas expurgado da sua essência revolucionária e adaptado às suas necessidades. Mais tarde foi a base teórica do «economismo» que, por sua vez, reduzia a acção do proletariado a revindicações de carácter económico, reservando à burguesia liberal a luta política.

[9] *Que Fazer?,* op. cit., p. 174. (*N. Ed.*)

[10] Idem, ibidem, p. 163. (*N. Ed.*)

[11] *Quem São os «Amigos do Povo» e Como Lutam Contra os Sociais-Democratas*, V.I. Lénine, *Obras Completas*, (em russo), 5.ª edição, Moscovo, 1969, t. 1, p. 298.

ideólogos da pequena burguesia, que se apresentam na qualidade de representantes dos interesses dos trabalhadores, são abertamente reaccionárias»,[12] neste ponto Lénine é categórico. «*Dissimulam o antagonismo das actuais relações socioeconómicas* (...)*, raciocinando como se a situação pudesse ser remediada com medidas de ordem geral, destinadas a satisfazer todos e a assegurar o "crescimento", a "melhoria", etc., como se fosse possível conciliar e unir. São reaccionários porque apresentam o nosso Estado como algo que está acima das classes e seria por isso apropriado e capaz de prestar uma ajuda minimamente séria e honesta à população explorada.*

«São reaccionários, por fim, porque não compreendem em absoluto a necessidade da luta, de uma luta encarniçada dos próprios trabalhadores para a sua emancipação. (...) *Ao ouvi-los parece que seriam capazes de arranjar tudo por si próprios. Os operários podem ficar tranquilos.*»[13]

«Romper RESOLUTAMENTE e DEFINITIVAMENTE com todas as ideias e teorias pequeno-burguesas – eis a principal lição preciosa»,[14] que Lénine exige que seja retirada da sua campanha contra os representantes de uma das tendências deste tipo de ideias socialistas pequeno-burguesas.

O marxismo «legal», oficial, burguês não é um fenómeno exclusivo do nosso tempo. Se confrontarmos as ideias expostas de forma tão completa e definida por Lénine com as ideias actuais de socialismo, não só entre socialistas como também entre comunistas, convencemo-nos do seu carácter pequeno-burguês (de pequenos proprietários), de que pertencem ao mesmo tipo de ideias com as quais Lénine insiste na necessidade de romper. E devemos insistir nisto tanto quanto já naquele tempo estas ideias e correspondente táctica demonstraram que «*na falta de uma crítica materialista das instituições políticas, e sem uma compreensão do carácter de classe do Estado contemporâneo, do radicalismo político ao oportunismo político não é mais que um passo*».[15]

Porém, não podemos dizer que a maioria dos comunistas actuais debate os problemas candentes do seu movimento com a mesma paixão e frontalidade com que Lénine o faz neste notável livro que, no seu tempo, levou para o debate aberto entre correligionários as questões mais candentes do movimento operário. Lénine qualificou de surpreendente miopia a atitude daqueles que encaravam a polémica e o debate como algo «*inconveniente*». Para informação de todos os adversários da clareza, da intransigência, do ardor da polémica, etc., refira-se que Lénine colocou como epígrafe na capa do seu livro um extracto de uma carta de Lassalle a Marx, de 24 de Junho de 1852, onde se sublinha algo que a lógica burocrática não será sequer capaz de suspeitar, nomeadamente: «*A luta de partido dá ao Partido força e vitalidade; a maior prova da fraqueza de um partido é o seu amorfismo e o esbatimento de fronteiras nitidamente delimitadas; o Partido reforça-se depurando-se*».[16]

---

[12] Idem, ibidem, p. 296.

[13] Idem, ibidem.

[14] Idem, ibidem.

[15] Idem, ibidem, p. 265.

[16] *Que Fazer?,* op. cit., p. 79. (*N. Ed.*)

A análise de Lénine das principais divergências do movimento serviu precisamente para delimitar fronteiras entre os partidos da revolução social e os partidos democráticos das reformas sociais, bem como contribuiu para intensificar a luta da social-democracia revolucionária contra a burguesia social-reformadora. O trabalho *Que Fazer?* revelou a profunda diferença qualitativa entre as ideias dos democratas e dos socialistas, ajudou a tomar consciência do abismo que as separa, permitiu compreender a inevitabilidade e a necessidade imperiosa da ruptura total e definitiva com as ideias dos democratas. Permitiu compreender, com a mesma clareza, que «*socialismo é o protesto e a luta contra a exploração dos trabalhadores, luta orientada para a supressão completa desta exploração*»,[17] e que remediar e remendar a sociedade burguesa actual, em vez de a combater, é a principal concepção teórica dos democratas que permanecem no campo das relações sociais vigentes, que vêem no órgão do Estado, que se desenvolveu no quadro desta sociedade burguesa e que protege os interesses das classes nela dominantes, o instrumento para as reformas. Por fim, o livro contribuiu para o rompimento definitivo da corrente revolucionária com a corrente oportunista, de que atrás se falou.

«*Infinita humilhação e auto-aviltamento do socialismo perante o mundo inteiro, corrupção da consciência socialista das massas operárias – a única base que nos pode assegurar a vitória*»,[18] foi assim que Lénine qualificou as acções dos partidários europeus dos «partidos das reformas», que concebem a democracia como a eliminação da dominação de classe e a colaboração de classes, e introduzem no socialismo elementos e ideias burguesas.

Fechando os olhos ao antagonismo entre os interesses da classe operária e os interesses da burguesia, a corrente oportunista no socialismo e no proletariado corrompeu a consciência socialista, banalizando o marxismo, propagando a teoria da amenização das contradições sociais, declarando absurda a ideia da revolução social e da ditadura do proletariado, reduzindo o movimento operário e a luta de classes ao trade-unionismo estreito e à luta «*realista*» por pequenas reformas graduais. Isto «*era exactamente o mesmo que se a democracia burguesa negasse o direito do socialismo à independência e, por consequência, o seu direito à existência; na prática isto significava tender a converter o nascente movimento operário em apêndice dos liberais*».[19] A ruptura era necessária e inevitável, de outro modo o socialismo revolucionário teria desaparecido.

No movimento comunista actual está de novo colocada na ordem do dia a necessidade de uma delimitação nítida das fronteiras da corrente marxista revolucionária. O conteúdo da actividade de muitos partidos que se chamam comunistas não corresponde a este nome. Isto é particularmente alarmante numa situação em que os trabalhadores manifestam uma importante confiança nos comunistas, apesar de tudo: apesar das dúvidas que suscitam alguns líderes partidários, apesar da inconsequência de muitas decisões e acções desses partidos. Justificar esta confiança, conferir à actividade destes partidos um carácter e conteúdo realmente comunistas, ser comunista na prática e não só no nome –

---

[17] *Quem São os «Amigos do Povo»,* op. cit., p. 281.

[18] *Que Fazer?,* op. cit., p. 86. (*N. Ed.*)

[19] Idem, ibidem, p. 92. (*N. Ed.*)

construir de facto uma organização revolucionária – eis a tarefa que se vai divisando ante os comunistas no decurso dos acontecimentos.

Hoje estão de novo em marcha as ideias e teorias que «*dissimulam o antagonismo das actuais relações socioeconómicas*», apresentando-as «*como se a situação pudesse ser remediada com medidas de ordem geral, destinadas a satisfazer todos e a assegurar o "crescimento", a "melhoria", etc.*», como se fosse possível conciliar e unir todos e chegar a acordo sobre tudo. Neste sentido ganha importância a principal «*lição útil*» que Lenine exige que se retire da crítica destas concepções, nomeadamente: os comunistas devem «*Romper RESOLUTAMENTE e DEFINITIVAMENTE com todas as ideias e teorias pequeno-burguesas*», não admitindo que renasçam sob a bandeira do partido comunista; devem contrapor-lhes uma visão directa sobre a realidade e sobre as relações socioeconómicas e reconhecer abertamente que não há outro caminho para o socialismo senão através do movimento operário.

Numa situação em que as questões controversas do movimento comunista não só não são levantadas, mas com frequência silenciadas, em que se procura abafar, dissimular, aplanar ou mesmo ocultar as divergências sobre questões de princípio, conservando-se uma unanimidade amorfa e indiferente, o livro de Lénine actua como um crítico intransigente, que exige uma «*explicação sistemática (...) sobre todos os pontos capitais (...) das divergências*» entre comunistas, coloca questões incómodas e dá respostas objectivas. Mostra a necessidade de «*um trabalho mais corajoso, mais amplo, mais unificado, mais centralizado*»,[20] na altura feito em torno do jornal *Iskra*, que agora urge fazer no movimento comunista actual. Também hoje este livro – um combatente provado, um polemista experiente, um organizador colectivo, um propagandista e um agitador – presta um serviço à causa da formação de uma organização revolucionária. É apenas preciso estudá-lo e armarmo-nos com as suas teses de princípio.

Uma palavra sobre a revolução

Se hoje muitos nem sequer querem ouvir falar de revolução, isso deve-se com frequência ao facto de os partidos, durante muito tempo, apenas em palavras se declararem revolucionários, sem qualquer correspondência com a prática. Isto levou a que os actuais comunistas, desejando colocar em conformidade o discurso com os actos, considerem que não se pode falar de revolução neste momento. No entanto, há outro modo de alcançar a unidade do discurso com a prática.

Na época em que Lénine escreve havia duas tendências, a oportunista a anarquista, que não compreendiam «*a nossa primeira e mais urgente tarefa prática: criar* uma organização de revolucionários capaz de dar à luta política energia, firmeza e continuidade».[21] Interroguemo-nos: por que razão é tão raro hoje um comunista afirmar que a construção de um partido revolucionário é a questão mais candente e a tarefa mais urgente? Conclui-se que também hoje há muitos

[20] «Carta ao Comité de Moscovo do POSDR», 24 de Agosto de 1902 (enviada de Londres), V.I. Lénine, *Obras Completas* (em russo), Moscovo, 1975, t. 46, p. 222.

[21] *Que Fazer?,* op. cit., p. 153. (*N. Ed.*)

membros de partidos comunistas que, intitulando-se comunistas, não partilham a ideia de que um comunista «*deve, acima de tudo, pensar numa organização de revolucionários capazes de dirigir* toda *a luta emancipadora do proletariado*».[22]

Para aqueles que, acima de tudo, pensam e agem neste sentido, o livro *Que Fazer?* traça um amplo plano de trabalho revolucionário, um plano para a construção de uma organização de partido de combate para realizar esse trabalho. Admito que este plano foi elaborado numa época histórica totalmente diferente. Sim, é verdade. Mas este plano contém a lógica interna da criação de um partido revolucionário sem a qual é impossível formar um tal partido em qualquer época.

Vejamos em que consiste esta lógica.

Uma tal organização deve, acima de tudo, assentar numa firme base teórica: «*Sem teoria revolucionária não pode haver também movimento revolucionário*».[23] Por isso, hoje, é particularmente oportuno colocar e resolver de modo leninista a questão do trabalho teórico do partido, porquanto sem tal trabalho o movimento arrisca-se a ser comunista apenas em palavras, o que significa que não pode ter êxito. Assim, Lénine insiste em primeiro lugar na exigência firme de «*"uma atenção vigilante ao aspecto teórico do movimento revolucionário do proletariado"*».[24]

Citando Engels, Lénine insiste em três formas de luta de classe: a par da luta política e económica, sublinha a importância da luta teórica da qual depende o êxito das duas primeiras. De acordo com a recomendação de Engels, o movimento operário deve travar a luta de forma harmoniosa nas suas três direcções concatenadas e ligadas entre si: teórica, política e económico-prática (resistência aos capitalistas). Neste assalto, digamos, *concêntrico* reside a força e a invencibilidade da classe operária.

Todavia, não é na sua continuidade, no seu encadeamento ou sequência: uma antes da outra ou uma depois da outra, que consiste esta concentricidade e concatenação das três formas da luta de classe. Na realidade é sua efectiva ligação interna que constitui a lógica da construção da organização revolucionária, tanto no plano programático como táctico, e garante a unidade da teoria revolucionária com a prática.

Note-se que ao acentuarmos a necessidade e importância do trabalho teórico isso não significa que este trabalho deva ser colocado em primeiro lugar face ao trabalho prático, não significa também que o trabalho prático deva ser adiado até que o trabalho teórico esteja terminado. Uma tal divisão – primeiro um, depois o outro – é um traço característico do socialismo utópico ou daqueles socialistas que não têm uma noção clara do método na ciência social, não dominam o materialismo, «*o único método científico que exige que todo o programa seja a formulação exacta do processo real*».[25] Tais socialistas consideram que a sua tarefa é criar «modelos» de sociedade (diferente da existente) e procurar vias para a sua introdução. Para eles, naturalmente, «*o trabalho prático apenas se torna possível depois de os filósofos geniais terem descoberto e indicado essas "outras vias"; e, inversamente,*

---

[22] Idem, Ibidem, p. 162. (*N. Ed.*)

[23] Idem, ibidem, pp. 96-97. (*N. Ed.*)

[24] Idem, ibidem, p. 96. (*N. Ed.*)

[25] *Quem São os «Amigos do Povo»,* op. cit., p. 308.

quando essas vias forem descobertas e indicadas, o trabalho teórico termina e começa o trabalho dos "patriotas" – aqueles que devem orientar a "pátria" pelo novo caminho descoberto. A questão coloca-se de uma maneira completamente diferente quando a tarefa dos socialistas consiste em serem os dirigentes ideológicos do proletariado na sua luta real contra inimigos reais, autênticos, que se encontram na via real *de um determinado desenvolvimento socioeconómico. Neste caso, o trabalho teórico e prático fundem-se num único trabalho, que foi tão justamente caracterizado por Liebknecht, veterano da social-democracia alemã, com as palavras:*

Studieren, Propagandieren, Organisieren[26]

Não se pode ser um dirigente ideológico sem se fazer o atrás referido trabalho teórico, tal como não se o pode ser sem orientar este trabalho segundo as necessidades da causa, sem propagandear os resultados desta teoria entre os operários e sem os ajudar à sua organização.»[27]

Com esta concepção da tarefa, considera Lénine, os ideólogos do proletariado evitam cair no dogmatismo e no sectarismo. «*Não pode haver dogmatismo lá onde o critério supremo e único da doutrina é definido como a sua correspondência com o processo real de desenvolvimento socioeconómico; não pode haver sectarismo quando a tarefa consiste em auxiliar a organização do proletariado e, consequentemente, o papel da "intelligentsia" consiste em tornar inútil a presença de dirigentes intelectuais especiais.*»[28]

Hoje é frequente intitularem-se de comunistas aqueles que reconhecem a teoria marxista, com excepção do seu carácter revolucionário e da teoria da luta de classes. Lénine salienta ninguém pode negar que «*a teoria da luta de classes é o centro de gravidade de todo o sistema de concepções de Marx*», e que «*perder de vista a luta de classes é revelador de uma grosseira incompreensão do marxismo*».[29] Não se pode reconhecer a teoria de Marx excluindo este ponto, uma vez que isso implicaria «*refazer a teoria e elaborar a concepção de um outro capitalismo, no qual não houvesse relações antagónicas e luta de classes*».[30] Por isso, os comunistas partem da seguinte conclusão desta teoria: «*Só há uma saída* [da sociedade burguesa] *que decorre necessariamente da própria essência do regime burguês, a saber: a luta de classe do proletariado contra a burguesia*»,[31] travada à escala nacional até à tomada do poder e à instauração da ditadura do proletariado. Assim, a acção política dos comunistas consiste em contribuir para o desenvolvimento e organização do movimento operário, para a transformação das guerras económicas isoladas em luta de classe consciente, dirigida contra o regime burguês com o objectivo de expropriar os expropriadores e suprimir as normas sociais que assentam na opressão dos trabalhadores. Não se trata de agir no lugar dos operários, em prol deles ou em seu nome mas, sublinhamos mais uma vez, de

---

[26] Estudo, propaganda, organização. (*N. Ed.*)

[27] *Quem São os «Amigos do Povo»,* op. cit., pp. 308-309.

[28] Idem, ibidem.

[29] Idem, ibidem, p. 320.

[30]Idem, ibidem, p. 321.

[31] Idem, ibidem, p. 159.

contribuir para o desenvolvimento e organização da luta consciente dos próprios operários.

Quem não compreende e não reconhece estas teses leninistas ou não é comunista ou terá que elaborar uma nova teoria que substitua o marxismo e demonstre as suas infundadas conclusões.

Sobre a consciência do movimento revolucionário do proletariado

Atrás referimos que a consciência socialista é para Lénine a única base que pode garantir a vitória do comunismo. Foi em torno desta questão (a relação entre a consciência e a espontaneidade) que Lénine identificou a *essência* das divergências entre os ideólogos da época da «crise do marxismo», reflectida no livro *Que Fazer?*. No entendimento de Lénine, a social-democracia [assim se chamava na altura o socialismo revolucionário (*N. Ed.*)] é a junção do movimento operário com o socialismo. Aos ideólogos da classe operária cumpre contribuir para o desenvolvimento da consciência de classe do proletariado, da sua organização e coesão para a luta política contra o regime capitalista. Mas Lénine exige que a questão da consciência esteja presente tanto no trabalho teórico como no político e organizativo, considerando que a fraqueza do movimento operário reside precisamente na insuficiente consciência e iniciativa dos dirigentes revolucionários. Por isso, na sua opinião, a análise destas divergências é de um enorme interesse geral e merecedora de atenção, uma vez que a tarefa dos comunistas não é sobreporem-se mas sim elevar o movimento operário ao nível do seu programa.

Hoje, como há 100 anos, nem todos os comunistas compreendem a afirmação de Lénine de que os operários *não tinham nem podiam ter* consciência socialista. Vemos de novo comunistas, de que Marx falou, que apenas vêem miséria na miséria, não descortinando o seu aspecto destruidor, revolucionário, que derrubará a velha sociedade. Afirmam que não existem «manifestações» do movimento operário. Esta expressão corrente, assinala Lénine, decorre antes de mais de uma compreensão imprópria e indecorosamente estreita da teoria de Marx. Em resposta a tais conjecturas, salienta que só um conhecimento superficial pode levar a pensar que Marx agiu perante um proletariado preparado.

«*O programa comunista de Marx foi por ele elaborado antes de 1848* (...) *O movimento operário social-democrata, que mostrou a todos de forma evidente o papel revolucionário e unificador do capitalismo, começou duas décadas mais tarde, quando a doutrina científica do socialismo tomou a sua forma definitiva, quando a grande indústria se difundiu mais amplamente e surgiram numerosos divulgadores, enérgicos e talentosos, desta doutrina nos meios operários. Fazendo uma interpretação falsa dos factos históricos e esquecendo o enorme trabalho investido pelos socialistas para infundir consciência e organização ao movimento operário, os nossos filósofos, além disso, atribuem a Marx as concepções fatalistas mais absurdas. Como se, na sua opinião, a organização e a socialização dos operários ocorressem por si próprias e, consequentemente, alegam, se ao vermos o capitalismo não vemos o movimento operário então isso é porque o capitalismo*

não cumpre a sua missão e não porque nós trabalhamos ainda de forma insuficiente na organização e propaganda entre os operários».[32] Pior ainda é quando, a partir desta objecção sobre a falta de movimento operário, começam a sonhar com a «*pacificação da luta económica secular das classes antagónicas*».[33]

Em vez de cairmos no «manilovismo»,[34] escreve Lénine, é preciso compreender que se deve procurar dar à luta organização e consciência e que para isso é preciso empenharmo-nos na militância comunista. Para que «*a acção progressiva do capitalismo*»[35] se revele, é preciso que os comunistas se lancem energicamente ao trabalho pela sua causa: elaborar uma interpretação detalhada da nossa história e da realidade actual, identificando no concreto todas as formas de luta de classe e exploração; divulgar esta teoria junto dos operários, ajudá-los a assimilá-la, e conceber as formas de organização mais apropriadas às condições actuais para *difundir o comunismo e unir os operários numa força política*.

Como Lénine sublinha, a consciência da oposição irreconciliável entre os interesses dos operários e todo o actual regime político e social, ou seja, a consciência socialista, não surge do antagonismo espontâneo entre operários e patrões, esta só pode ser introduzida de fora. «*A classe operária, exclusivamente com as suas próprias forças, só é capaz de desenvolver uma consciência trade-unionista, quer dizer, a convicção de que é necessário agrupar-se em sindicatos, lutar contra os patrões, exigir do governo estas ou aquelas leis necessárias aos operários, etc.* Por seu lado, a doutrina do socialismo nasceu de teorias filosóficas, históricas elaboradas por representantes instruídos das classes possidentes, por intelectuais.*»[36]

Deste modo, a doutrina teórica do socialismo científico contemporâneo surge de modo completamente independente do crescimento espontâneo do movimento operário, surge como resultado do desenvolvimento do pensamento da *intelligentsia* socialista revolucionária. Concordando com K. Kautski, Lénine demonstra que se trata de um profundo erro imaginar que o movimento operário, por si próprio, é capaz de elaborar uma ideologia independente. É completamente erróneo imaginar que a consciência socialista constitui um resultado directo da luta de classes do proletariado. Como doutrina é evidente que o socialismo tem as suas raízes nas relações económicas actuais tal como a luta de classe do proletariado. «*Mas o socialismo e a luta de classes surgem um ao lado do outro e não derivam um do outro; surgem de premissas diferentes. A consciência socialista moderna não pode surgir senão na base de profundos conhecimentos científicos*».[37]

---

[32] Idem, ibidem, p. 332.

[33] Idem, ibidem, p. 334.

[34] Manilovismo, do nome do latifundiário Manílov, personagem da obra do escritor russo N.V. Gógol *Almas Mortas*; é sinónimo de afabilidade, sentimentalismo melífluo e fantasia infundada.

[35] *Quem São os «Amigos do Povo»*, op. cit., p. 334.

* «*O trade-unionismo não exclui de modo algum toda a "política", como por vezes se pensa* (...).» (*Nota de Lénine*)

[36] *Que Fazer?,* op. cit., p. 101. (*N. Ed.*)

[37] Idem, ibidem, p. 107. (*N. Ed.*)

A presença de revolucionários, ideólogos e dirigentes suficientemente preparados e armados com a teoria socialista é uma condição necessária para assegurar o carácter socialista do movimento operário, uma vez que é necessário desenvolver a consciência política da classe operária até ao nível da consciência política socialista. A tese de que «*a consciência socialista é algo introduzido de fora na luta de classe do proletariado e não algo que surgiu espontaneamente no seu seio*»[38] comporta um série de importantes conclusões:

1. Aos ideólogos do movimento operário exige-se consciência. A insuficiente consciência e iniciativa dos dirigentes revolucionários, a sua impreparação para levarem a cabo as tarefas gigantescas de direcção ideológica e de concentração dos operários numa força política são vistas como uma manifestação de fraqueza do movimento operário. A este propósito sublinha a recomendação de Engels: «*Em particular, os dirigentes deverão instruir-se cada vez mais em todas as questões teóricas, libertar-se cada vez mais da influência da fraseologia tradicional, própria da antiga concepção do mundo, e ter sempre presente que o socialismo, desde que se tornou uma ciência, exige ser tratado como uma ciência, isto é, ser estudado. A consciência assim alcançada e cada vez mais lúcida deve ser difundida entre as massas operárias com grande zelo e deve consolidar-se cada vez mais fortemente a organização do partido e a dos sindicatos*».[39]

2. É a unidade ideológica que determina a unidade organizativa e prática do partido, o que transmite consciência e unidade à luta revolucionária do proletariado.

Está relacionada com isto a tese da necessidade de junção da teoria marxista com o movimento operário, sem a qual o movimento não se torna independente e revolucionário, mas permanece subordinado à burguesia quer em termos ideológicos quer em termos práticos. Ao mesmo tempo, também a teoria, mesmo a mais revolucionária, corre o risco de não passar de boas intenções se não se efectuar a sua junção com as forças revolucionárias reais.

No entanto, em certas circunstâncias, a junção do movimento operário com o socialismo não ocorre, permanecendo como objectivo. Foi o caso do grupo «Emancipação do Trabalho»,[40] que, como assinalou Lénine, apenas no plano teórico fundou a social-democracia e deu o primeiro passo ao encontro do movimento operário. A fundação no plano teórico significa que alcançou a unidade ideológica marxista, o que preparou as bases para a unidade prática e organizativa do movimento do proletariado na Rússia.

A principal tarefa teórica do marxismo é destruir a mentira dos ideólogos burgueses sobre a realidade, independentemente das suas boas intenções ou boa consciência. «*O primeiro dever daqueles que querem procurar "os caminhos para a felicidade da humanidade" é não se enganarem a eles próprios, é terem a coragem de reconhecer abertamente aquilo que existe. E quando os ideólogos dos*

---

[38] Idem, Ibidem. (*N. Ed.*).

[39] Idem, ibidem, p. 99. (*N. Ed.*)

[40] O grupo «Emancipação do Trabalho», primeiro grupo marxista russo, foi fundado por G. Plekhánov na Suíça, em 1883. (*N. Ed.*)

trabalhadores compreenderem isto e o sentirem, então reconhecerão que os "ideais" devem consistir em (...) *formular as tarefas e objectivos desta "dura luta das classes sociais", que é travada ante os nossos olhos na nossa sociedade capitalista; que o êxito se mede* (...) *não pela elaboração de conselhos à "sociedade" e ao "Estado", mas pelo grau de difusão destes ideais numa determinada classe da sociedade; que o ideal mais elevado não vale um tostão furado enquanto não souberdes fundi-lo solidamente com os interesses daqueles que tomam parte na luta económica*».[41] Conferir um carácter ideológico à luta em curso – eis a base sob a qual Lénine considera necessário construir o programa. «*O marxismo encontra os seus critérios de avaliação na* formulação *e na* explicação *teórica da luta que se trava ante os nossos olhos das classes sociais e dos interesses económicos*».[42]

Deste modo, as questões da teoria não são de modo nenhum bagatelas, nem são inócuos os erros teóricos. Por trás dos raciocínios teóricos estão *interesses*, e a teoria é a representação dos diferentes interesses das diferentes forças sociais. A diferença de *concepções* sobre uma mesma realidade conduz na prática, como resultado, a diferentes sistemas de acção. A diferença num aspecto teórico, por exemplo, uma *concepção* diferente sobre o domínio do capital, arrasta consigo uma diferença prática. É *precisamente* da concepção da realidade que decorre directamente o programa de acção, e do grau de objectividade desta concepção depende o programa em concreto que dela decorre, depende no fim de contas o êxito do seu cumprimento.

Se o ideólogo está em condições de compreender que o capitalismo não é uma casualidade, mas um produto directo do actual sistema económico (social, político e jurídico), que se formou na luta entre forças sociais opostas, então encontrará a saída no desenvolvimento das contradições de classe desse regime económico; verá que não há saída da sociedade burguesa fora da luta de classe do proletariado contra a burguesia. A luta contra uma classe só pode ser travada por outra classe – eis a saída. Neste caso, a tarefa do ideólogo será servir única e *exclusivamente* essa classe, o seu desenvolvimento autónomo e pensamento independente, o que não só diminuirá o tempo de existência da sociedade burguesa, acelerando o seu declínio, como lhe porá fim, dando mais força e capacidade combativa à classe operária. Lá onde o capital domina tudo, lá onde é travada uma luta surda de interesses é preciso «*não encobri-la, mas expô-la; não sonhar: "melhor seria que fosse sem luta", mas* desenvolvê-la *para a tornar mais vigorosa, contínua, consequente e, sobretudo, mais ideológica*».[43]

Assim, Lénine insiste na unidade dos aspectos teóricos e práticos do socialismo revolucionário. A desconformidade e descoordenação entre estes dois aspectos levam a dissensões e vacilações, ao divórcio entre as palavras e os actos. Em particular, o fenómeno do culto da espontaneidade, da diminuição do papel dos socialistas conscientes no movimento revolucionário do proletariado, bem como a consolidação teórica deste servilismo, foi considerado por Lénine como

---

[41] *O Conteúdo Económico do Populismo e a sua Crítica no Livro do Sr. Struve*, (1895), V.I. Lénine, *Obras Completas* (em russo), Moscovo, 1969, t. 1, pp. 407-408.

[42] Idem, ibidem, p. 411.

[43] Idem, ibidem, p. 365.

reaccionário, exigindo por isso uma luta implacável contra a espontaneidade na luta de classe do proletariado.

Quando as concepções teóricas estão suficientemente esclarecidas nos seus principais traços essenciais, torna-se possível eliminar mal-entendidos e incompreensões no aspecto prático do socialismo, colocá-lo no terreno da luta de classes, ajustar o programa político, os modos de actuação, a táctica. Na acção prática, a corrente socialista revolucionária «*como é sabido, assume a tarefa de dirigir a luta de classe do proletariado e de organizar esta luta*».[44]

Tudo o que seja diminuir o papel dos socialistas conscientes, dirigentes e ideólogos, e qualquer impreparação e inépcia da sua parte constituem concessões à espontaneidade e significam «*– independentemente da vontade de quem o faz – o reforço da influência da ideologia burguesa sobre os operários.*»[45] Com efeito, se está excluída qualquer possibilidade de uma ideologia autónoma elaborada pelas próprias massas operárias no decurso da própria luta, nesse caso a questão só pode colocar-se do seguinte modo: ou ideologia burguesa ou ideologia socialista. Como sublinha Lénine: «*Não há meio-termo (porque a humanidade não elaborou nenhuma outra "terceira" ideologia; além disso, em geral, na sociedade dilacerada por contradições de classe, não pode nunca existir uma ideologia à margem das classes ou acima das classes). Por isso,* tudo o que seja *rebaixar a ideologia socialista,* tudo o que seja afastar-se *dela significa fortalecer a ideologia burguesa*».[46]

O desenvolvimento *espontâneo* do movimento operário marcha precisamente para a sua subordinação à ideologia burguesa, porque o movimento operário espontâneo é o trade-unionismo, é uma luta «*exclusivamente profissional*», uma luta estritamente económica, e isto significa precisamente «*a escravização ideológica dos operários pela burguesia*». Por isso, explica Lénine, os admiradores da espontaneidade insinuam-se junto dos operários menos desenvolvidos. Dizem que os operários apenas estão interessados em lutar por reivindicações que proporcionem resultados palpáveis. A tarefa dos ideólogos socialistas, dos revolucionários comunistas, «*consiste em combater* a espontaneidade, *em fazer com que o movimento operário* se desvie *desta tendência espontânea do trade-unionismo de se acolher debaixo da asa da burguesia e em atraí-lo para debaixo da asa do movimento revolucionário.*» Não atrair os operários para o socialismo equivale «*a ceder o campo de actividade*» aos ideólogos que «*arrastam o movimento operário "pela linha da menor resistência", isto é, pela linha do trade-unionismo burguês ou (...) que o arrastam pela linha da "ideologia" clero-policial*».[47] Reduzir a luta económica ao trade-unionismo, à política trade-unionista, é amarrar os operários à ideologia burguesa através da luta espontânea, desprovida de consciência e de ideologia de classe.

---

[44] *As Tarefas dos Sociais-Democratas Russos* (1902), V.I. Lénine, *Obras Completas* (em russo), Moscovo, 1967, p. 446.

[45] *Que Fazer?*, op. cit, p. 106. (*N. Ed.*)

[46] Idem, ibidem, pp. 107-108. (*N. Ed.*)

[47] Idem, ibidem, p. 108. (*N. Ed.*)

3. É preciso uma luta árdua contra a espontaneidade – insiste Lénine.

A escravização ideológica dos operários pela burguesia realiza-se através da fragmentação da classe operária por várias ideologias: uma parte concentra-se nos sindicatos, outra nos partidos sociais-democratas, uma terceira sente-se protegida por polícias de sotaina, uma quarta está fascinada com as sociedades por acções, etc., etc. Conseguir a supremacia dos operários e a sua solidariedade em torno da bandeira da ideologia socialista só é possível por via de uma luta incessante contra todas as outras ideologias. E este trabalho revolucionário exige uma intervenção de grande amplitude na propaganda e agitação política e na organização. A tarefa dos socialistas conscientes consiste em *transformar* a política trade-unionista na luta política socialista, elevar os operários até ao grau de consciência política socialista.

Mais uma vez sobre a relação da política com a economia

Do que atrás foi dito, resulta claro que «*a consciência de classe não pode ser levada ao operário* senão *do exterior, isto é, de fora da luta económica, de fora da esfera das relações entre operários e patrões. A única esfera em que se pode obter estes conhecimentos é na esfera das relações de* todas *as classes e camadas com o Estado e o governo, na esfera das relações de* todas *as classes entre si*».[48] É pertinente lembrar aqui a tese marxista de que «*todas as lutas políticas são lutas de classes e que todas as lutas de emancipação das classes, apesar da sua forma necessariamente política – pois, toda a luta de classe é uma luta política –, giram finalmente em torno da emancipação* económica».[49]

Uma das circunstâncias que leva ao culto da espontaneidade no movimento revolucionário é o desdém pela teoria em geral, o rebaixamento do nível teórico, uma assimilação superficial, por vezes caricatural, do marxismo no seu conjunto. Em particular, isto refere-se à questão da relação da política com a economia na teoria marxista e à ideia de que «*os operários antes de pensar numa revolução política, deviam adquirir uma "força económica"*».[50]

Ainda hoje é frequente ouvirmos variações sobre este tema entre comunistas: «*temos ainda poucas forças, os operários são ainda fracos*», e por isso as revoluções sociais são adiadas para «*depois*», apesar de, por princípio, parecer que não se renuncia a elas. Por vezes também nos confrontamos com comunistas e mesmo teóricos que têm a ideia de que «*a política segue sempre docilmente a economia*» ou que «*a luta económica está inseparavelmente ligada à luta política*»,[51] que «*a política é uma superstrutura (...) da luta económica, deve surgir na base dessa luta e seguir atrás dela*», etc. E tudo isto é dito sob a capa do materialismo.

---

[48] Idem, ibidem, p. 135. (*N. Ed.*)

[49] Friedrich Engels, *Ludwig Feuerbach e o Fim da Filosofia Alemã Clássica*, Marx e Engels, *Obras Escolhidas* em três tomos, Ed. Avante – Ed. Progresso, Lisboa – Moscovo, 1985, t. 3, p. 414. (*N. Ed*)

[50] *Que Fazer?*, op. cit, p. 112 [nota de rodapé]. (*N. Ed.*)

[51] Idem, ibidem, p. 109. (*N. Ed.*)

«*Estas teses* (...) *são completamente falsas,* se por política se entende a política (...) [socialista]. (...) *São justas se por política entendermos a política trade-unionista, isto é, a aspiração comum a todos os trabalhadores a conseguir do Estado estas ou aquelas medidas susceptíveis de remediar ao males inerentes à sua situação, mas que ainda não acabam com essa situação, isto é, não acabam com a submissão do trabalho ao capital*».[52]

Há política e política

«*Muito frequentemente, a luta económica dos operários* (...) *está ligada (embora não inseparavelmente) à política burguesa*»,[53] assinala Lénine. Mas o reconhecimento da «*luta política que surge espontaneamente do próprio movimento operário (ou, com mais exactidão: os anseios e reivindicações políticas dos operários)*»,[54] não significa que haja uma elaboração independente de uma política socialista específica, que «*corresponda aos objectivos gerais do socialismo e às actuais condições*».[55] Este «*instinto*», isto é, o inconsciente (o espontâneo), não leva o proletariado a elaborar tal política mas sim a agarrar-se aos «*primeiros meios que se encontra ao seu alcance*»[56], os quais na sociedade moderna serão sempre meios de luta trade-unionistas, e a ideologia «*que se encontra ao seu alcance*» é a ideologia burguesa (trade-unionista).

«*Do facto de os interesses económicos desempenharem um papel decisivo* não se segue de maneira alguma *que a luta económica (= sindical) tenha uma importância primordial, porque os interesses mais essenciais, "decisivos", das classes* só *podem ser satisfeitos, em geral, por transformações* políticas *radicais; em particular, o interesse económico fundamental do proletariado só pode ser satisfeito por meio de uma revolução política que substitua a ditadura burguesa pela ditadura do proletariado.*»[57]

A incompreensão disto fez com que «*em vez de se exortar a marchar para a frente, a consolidar a organização revolucionária e a alargar a actividade política, incitou-se a voltar* para trás*, para a luta exclusivamente trade-unionista*».[58]

Para Lénine isto significa «*suprimir por completo a consciência pela espontaneidade*»,[59] o que reflecte um conhecimento fragmentário do marxismo, a sua deformação e banalização. A consciência dos revolucionários foi suprimida por ideólogos que interpretaram o marxismo no espírito da espontaneidade, por aqueles operários que se deixaram arrastar pelo argumento de que o aumento de um copeque por rublo está mais próximo e é mais valioso do que todo o socialismo

---

[52] Idem, ibidem, pp. 109-110. (*N. Ed.*)
[53] Idem, ibidem, p. 109. (*N. Ed.*)
[54] Idem, ibidem, p. 110 (*N. Ed.*)
[55] Idem, ibidem. (*N. Ed.*)
[56] Idem, ibidem. (*N. Ed.*)
[57] Idem, ibidem, p. 112. (*N. Ed.*)
[58] Idem, ibidem, p. 105. (*N. Ed.*)
[59] Idem, ibidem. (*N. Ed.*)

e toda a política; de que apresentando reivindicações podem melhorar a sua situação, sabendo que o fazem, não para vagas gerações futuras, mas para eles próprios e para os seus próprios filhos. Lénine assinala a este propósito que «*frases deste género foram sempre a arma preferida dos burgueses da Europa Ocidental*», que dizem aos operários que «*a luta exclusivamente sindical é uma luta para eles próprios e para os seus filhos, e não para vagas gerações futuras com um vago socialismo futuro*».[60] A concepção trade-unionista da política manifesta-se na limitação da luta àquela que pode «*prometer certos resultados tangíveis*» e na rejeição da luta que «*não promete absolutamente nenhum resultado tangível*».[61]

Como afirma Lénine, a isto deve-se responder assim: também nós, comunistas, como todos os burgueses da Europa Ocidental, queremos integrar os operários na política, só que não apenas na política trade-unionista, mas precisamente na política socialista. «*A política trade-unionista é precisamente a* política burguesa *da classe operária*».[62]

A propósito disto é interessante o pensamento de Lénine de que a supressão da consciência pela espontaneidade pode produzir-se de duas maneiras: ou de modo espontâneo ou em resultado de uma luta aberta entre duas concepções diametralmente opostas e da vitória de uma sobre a outra. De tudo isto impõe-se a conclusão de que no nosso movimento comunista pós-soviético também se assiste à supressão da consciência pela espontaneidade, e neste caso de modo inconsciente e espontâneo. Como se a estreiteza das concepções teóricas do antigo PCUS de Khruchov-Bréjnev, a pequenez das tarefas políticas e organizativas, a burocratização e a perda do carácter revolucionário do partido tivessem por inércia transitado para o nosso tempo. Os partidos que tomaram o lugar do PCUS não conseguiram desenvolver-se e amadurecer. No período pós-soviético assistimos, não à constituição e desenvolvimento de partidos de novo tipo, mas ao restabelecimento de organizações segundo o modelo do período soviético, do qual transitaram estas ou aquelas formas de trabalho. Até o conceito de «*consciência*» (leia-se «hábito») lhes chegou já pronto, tal como as normas estatutárias, que não foram questionadas nem ajustadas. O que quer dizer que, na realidade, estas organizações surgiram espontaneamente. No entanto, são poucos os que se apercebem de que está em curso a supressão da consciência pela espontaneidade, e que a atitude negligente em relação à teoria conduz à inconsciência no nosso movimento.

Não foi por acaso que Lénine considerou que todas as divergências entre socialistas conscientes e admiradores da espontaneidade têm um interesse geral. O ponto central destas divergências é a questão da luta política. A polémica proporciona-nos exemplos de concepções erróneas sobre esta questão.

Obviamente que os admiradores da espontaneidade não negam em absoluto a política. Simplesmente desviam-se constantemente da concepção socialista para a concepção trade-unionista da política, rebaixando a primeira ao nível da segunda. É também este o sentido das teses de alguns líderes da actualidade, os quais,

---

[60] Idem, ibidem. (*N. Ed.*)

[61] Idem, ibidem, p. 124. (*N. Ed.*)

[62] Idem, ibidem, p. 139. (*N. Ed.*)

evidentemente, não negam a política revolucionária, simplesmente consideram que não é oportuna, elegendo como mais adequada aos tempos que correm a política do gradualismo e da denúncia do regime antipopular.

A fim de evitar interpretações erradas, Lénine fez questão de notar que os marxistas entendem por luta económica a «*luta económica prática*», que Engels chamou «*resistência aos capitalistas*» e que, nas condições de legalidade, foi designada como luta profissional, sindical ou trade-unionista. O despertar da consciência de classe e o início da luta sindical constituiu o ponto de partida para a difusão do socialismo. No entanto, estes embriões de organizações revolucionárias só podem dar origem e fazer parte constituinte da acção revolucionária se forem correctamente utilizados. Dominados pela espontaneidade apenas conduzem à luta «*exclusivamente sindical*» e a um movimento operário não revolucionário.

Cabe assinalar que a crítica de Lénine não significa que se deve ignorar os objectivos trade-unionistas, pelo contrário, deve-se garantir o seu cumprimento consequente.

«*A luta económica é a luta colectiva dos operários contra os patrões para conseguirem obter condições vantajosas de venda da força de trabalho, para melhorarem as suas condições de trabalho e de vida.*» Esta luta é, necessariamente, uma luta profissional, porque as condições de trabalho são extremamente variadas nas diferentes profissões, e, portanto, a luta pela sua melhoria deve forçosamente ser travada por sindicatos e associações sindicais. Os sindicatos operários procuraram sempre concretizar as suas reivindicações salariais e de melhoria das condições de trabalho por intermédio de «*medidas legislativas e administrativas*».[63]

Mas isto nada mais contém do que a luta por reformas económicas e sociais. E aqueles que se intitulam comunistas não podem limitar-se a isto. Aquele que é de facto comunista «*subordina, como parte de um todo, a luta pelas reformas à luta pela liberdade e o socialismo*».[64]

Os comunistas têm o dever de dirigir a «*luta da classe operária não só para obter condições vantajosas de venda da força de trabalho, mas para que seja destruído o regime social que obriga os não possuidores a venderem-se aos ricos*». Um comunista concebe «*a classe operária não só na sua relação com um dado grupo de patrões, mas nas suas relação com todas as classes da sociedade contemporânea, com o Estado como força política organizada.*»[65] Assim, os comunistas não podem «*circunscrever-se à luta económica*», mas devem «*empreender activamente o trabalho de educação política da classe operária, de desenvolvimento da sua consciência política.*»[66]

Mas a educação política não se pode limitar à propaganda da ideia de que a classe operária é hostil à sociedade burguesa, não basta explicar a opressão política de que são objecto os operários, tal como não bastava explicar-lhes o antagonismo entre os seus interesses e os dos patrões. «*É necessário fazer agitação a propósito de cada manifestação concreta* desta *opressão*» [política], tal como se faz a

---

[63] Idem, ibidem, p. 122. (*N. Ed.*)

[64] Idem, ibidem, p. 123. (*N. Ed.*)

[65] Idem, ibidem, p. 119. (*N. Ed.*)

[66] Idem, ibidem. (*N. Ed.*)

propósito das manifestações de opressão económica, orientando-a para as diferentes classes da sociedade que são vítimas dela, uma vez que a opressão se manifesta nos mais diferentes aspectos da vida e actividade humana.

A educação da actividade revolucionária das massas

«*A consciência da classe operária não pode ser uma verdadeira consciência política se os operários não estão habituados a reagir contra* todos *os casos de arbitrariedade e opressão, de violência e abusos,* de toda a espécie, quaisquer que sejam as classes afectadas*;*» – sendo que devem reagir com uma visão socialista e não outra qualquer. «*A consciência das massas operárias não pode ser uma verdadeira consciência de classe se os operários não aprenderem, com base em factos e acontecimentos políticos concretos e, além disso, necessariamente de actualidade, a observar* cada uma *das outras classes sociais* em todas *as manifestações da sua vida intelectual, moral e política; se não aprenderem a aplicar na prática a análise materialista e a apreciação materialista de todos os aspectos da actividade e da vida de todas as classes, camadas e grupos da população.* (...) *O conhecimento de si própria* [da classe operária] *está inseparavelmente ligado a uma clara compreensão não só dos conceitos teóricos... ou melhor: não tanto dos conceitos teóricos, como das ideias elaboradas com base na experiência da vida política sobre as relações entre* todas *as classes da sociedade actual*».[67]

Esta recomendação de Lénine, de não confundir a política com a pedagogia, deve ser lembrada hoje, em particular, àqueles que repetem obstinadamente que os operários não têm compreensão, não têm consciência nem disposição para a luta, que são corruptos, devassos, aproveitadores, etc.

As «*denúncias políticas que abarcam todos os aspectos da vida são uma condição indispensável e* fundamental *para educar a actividade revolucionária das massas*».[68]

Por isso, a nossa tarefa, a tarefa dos comunistas de hoje, é aprofundar, ampliar e intensificar as denúncias políticas e a agitação política. A nossa tarefa é dar mais daquilo que a experiência «económica» e fabril nunca ensinará aos operários, designadamente, conhecimentos políticos. Estes conhecimentos só os intelectuais socialistas podem adquirir, e é seu dever, se forem socialistas não só em palavras, fornecer este conhecimento aos operários, não só sob a forma de raciocínios, brochuras e artigos (que frequentemente são um pouco maçudos), mas sob a forma de denúncias vivas sobre o que fazem no presente o governo e as classes dominantes em todos os aspectos da vida, sob a forma de respostas e reacções a estes actos.

As acusações de passividade e reaccionarismo dos operários não são mais do que indicadores da passividade, inacção e inconsistência dos próprios ideólogos e dirigentes que não cumprem o seu papel e limitam a sua actividade. Conclui-se pois

---

[67] Idem, ibidem, p. 129. (*N. Ed.*)

[68] Idem, ibidem. (*N. Ed.*)

que em vez de se queixarem da pouca actividade das massas e serem tão pouco exigentes em relação a si próprios, em relação à sua actividade, os comunistas devem antes elevar o seu papel de organizadores e revolucionários conscientes. Não é a direcção da luta económica que nos é exigida, mas a direcção da agitação política em todos os aspectos – eis o que transforma a luta profissional no movimento revolucionário de classe. É possível fazer muito mais para a luta económica se não restringirmos os nossos objectivos políticos às necessidades da luta exclusivamente económica ou exclusivamente parlamentar.

Como vemos a crítica de Lénine no livro *Que Fazer?* atinge de todas as formas a fuga aos verdadeiros deveres dos revolucionários: a organização e condução de uma agitação política diversificada, em que se deve ir a todas as classes da população, como teóricos, como propagandistas e como organizadores (pois «*os comunistas apoiam todo o movimento revolucionário*»).[69]

E este trabalho teórico «*deve orientar-se para o estudo de todas as particularidades da situação social política das diferentes classes*».[70] Disto, como salienta Lénine, ninguém deve duvidar.

Sobre os princípios organizativos

Atrás já referimos que a estreiteza do trabalho de organização está inquestionável e inseparavelmente ligada (embora com frequência de modo inconsciente) com a restrição da teoria marxista e dos objectivos políticos dos comunistas. A inconsciência limita o nosso horizonte, incute-nos medo de nos afastarmos do carácter e nível do trabalho do partido, semi-de-massas, acessível, habitual e tradicional.

Lénine exige a máxima consciência no trabalho organizativo, mostrando de que modo a estreiteza da concepção da luta teórica está ligada não só à estreiteza de vistas na luta política, mas também à restrição das tarefas revolucionárias. Com tal estreiteza de concepções e o culto da inconsciência *«é absolutamente desnecessária uma organização centralizada* (...) *(que, por isso mesmo, não pode formar-se no decorrer de tal luta), uma organização que reúna num único impulso comum todas as manifestações de oposição política de protesto e indignação, uma organização formada por revolucionários profissionais e dirigida por verdadeiros líderes políticos de todo o povo.*»[71] Tal organização não pode formar-se porque «*o carácter da estrutura de qualquer instituição é determinado, natural e inevitavelmente, pelo conteúdo da actividade política dessa instituição.*»[72]

A existência de organizações cuja consciência se inclina perante a espontaneidade; «*o prosternar-se perante formas de organização que surgem espontaneamente, o não ter consciência de como é estreito e primitivo o nosso trabalho de organização* (...) *a falta desta consciência é uma verdadeira doença*

---

[69] Karl Marx e Friedrich Engels, *Manifesto do Partido Comunista* (1848), http://www.hist-socialismo.com/docs/ManifestoPartidoComunista.pdf, p. 25. (*N. Ed.*)

[70] *Que Fazer?*, op. cit, p. 137. (*N. Ed.*)

[71] Idem, Ibidem, p. 149. (*N. Ed.*)

[72] Idem, ibidem. (*N. Ed.*)

do nosso movimento. Não é evidentemente uma doença própria da decadência, mas do crescimento»,[73] considera Lénine.

Não terá o actual movimento comunista essa mesma doença? Esta conclusão impõe-se por si própria. Qual é o grau de consciência do trabalho de organização dos comunistas hoje? Não defendem por vezes alguns dirigentes partidários e organizadores atrasados formas estreitas de organização, directamente herdadas por nós do PCUS e ajustadas e adaptadas à legislação burguesa? Identificando esta doença no movimento do seu tempo, Lénine exigiu a mais intransigente luta contra toda a defesa do atraso, contra toda a legitimação da estreiteza de vistas; exigiu de cada qual que participa no trabalho prático a decisão inquebrantável de se desembaraçar desta estreiteza e do trabalho à moda antiga.

– Mas – dirão os que discordam – Lénine falava sobre o trabalho artesanal e a sua superação, enquanto nós temos um partido amadurecido, com história. – Pois aí é que está o problema – retorquimos nós. – Caminhamos por um trilho já aberto, fazemos tudo como de costume, sem pensarmos qual é a organização de que temos hoje necessidade. Aliás, Lénine entendia por trabalho artesanal uma organização insuficiente: o reduzido alcance de todo o trabalho revolucionário em geral, a falta de preparação e a falta de habilidade prática, a falta de continuidade e organização entre determinadas frentes de trabalho, a falta de sistematização da propaganda e da agitação e, sobretudo, as tentativas de justificar esta estreiteza e erigi-la em «teoria» particular, isto é, o culto da espontaneidade. O último está de resto inseparavelmente ligado a uma concepção estreita da teoria marxista, do papel dos revolucionários e das tarefas políticas que se colocam ante eles.

Não será isto semelhante ao desejo de uma parte importante do aparelho do partido e de parte dos militantes de se agarrarem às estruturas partidárias existentes e habituais e, a partir delas, procurar uma base social e um eleitorado? Não será isto semelhante à atitude burocrática para com a organização do partido e o seu trabalho, que continua a grassar na vida interna partidária desde o tempo do PCUS? O livro de Lénine obriga-nos a pensar nestas questões e induz-nos a reflectir sobre os resultados: «*Arrastar* [-se] *na cauda do movimento*, [é] *coisa inútil no melhor dos casos e, no pior, extremamente nocivo para o movimento*»,[74] avisa Lénine.

Ao resolver a primeira e mais urgente tarefa prática – criar uma organização de revolucionários –, Lénine mostrou a absurdidade e a nocividade de a misturar com a organização dos operários. Afirma que não pode haver movimento revolucionário sólido sem uma organização estável de dirigentes, que assegure a continuidade; que quanto mais extensa for a massa espontaneamente integrada na luta, massa que constitui a base do movimento e que nela participa, mais premente será a necessidade de semelhante organização, e mais sólida deverá ser ela (já que será fácil aos demagogos de toda a espécie arrastar as camadas atrasadas da massa); que tal organização deve ser formada, fundamentalmente, por pessoas entregues profissionalmente às actividades revolucionárias; que a centralização das funções mais clandestinas não debilitará, antes reforçará a amplitude e o conteúdo da

---

[73] Idem, ibidem, pp. 149-150. (*N. Ed.*)

[74] Idem, ibidem, pp. 116. (*N. Ed.*)

actividade de uma grande quantidade de outras organizações destinadas ao grande público e, por consequência, o menos regulamentadas e clandestinas possível.[75]

Pode parecer que estas teses foram elaboradas para a Rússia autocrática e que o seu significado se limita a esse contexto. No entanto, Lénine insistiu que elas têm uma importância geral, como se constata no seu trabalho de 1919, *Sobre As Tarefas da III Internacional*.

«*Para vencer de facto o oportunismo* (...) *é preciso*:

Primeiro, *conduzir toda a propaganda e agitação do ponto de vista da revolução, em oposição às reformas, explicando sistematicamente às massas essa oposição, teórica e praticamente, a cada passo do trabalho parlamentar, sindical, cooperativo, etc. Em caso nenhum recusar (salvo em casos especiais, a título de excepção) a utilização do parlamentarismo e de todas as "liberdades" da democracia burguesa, não recusar as reformas, mas encará-las* apenas *como* resultado acessório *da luta de classe revolucionária do proletariado.* (...)

Segundo, *deve-se combinar o trabalho legal e o* ilegal. *Os bolcheviques sempre o ensinaram e com particular insistência* (...) *Disto troçavam os heróis do oportunismo infame, exaltando fatuamente a "legalidade", a "democracia", a "liberdade" dos países e repúblicas da Europa Ocidental, etc.* (...) *Não há um único país no mundo, a mais avançada e a mais "livre" das repúblicas burguesas, onde não reine o terror da burguesia, onde não esteja proibida a liberdade de agitação a favor da revolução socialista, de propaganda e de trabalho organizativo precisamente nessa direcção. Um partido que até ao presente não reconheceu isto sob a dominação da burguesia e não realiza um trabalho* ilegal *sistemático, global, apesar de todas as leis da burguesia e dos parlamentos burgueses, é um partido de traidores e de miseráveis, que com o reconhecimento verbal da revolução enganam o povo.*

Terceiro, *é necessária uma guerra constante e impiedosa para expulsar completamente do movimento operário os chefes oportunistas* (...) *Os partidos que em palavras são pela revolução mas na prática não realizam um trabalho constante pela influência precisamente do partido revolucionário, e só do partido revolucionário, em todas a espécie de organizações operárias de massas, são partidos de traidores.*

Quarto, *não se pode admitir que em palavras condenem o imperialismo, mas de facto não travem uma luta revolucionária pela libertação das colónias (e das nações dependentes)* da sua própria *burguesia imperialista. Isto é hipocrisia. É a política dos agentes da burguesia no movimento operário.* (...)

Quinto, *é uma enorme hipocrisia este fenómeno típico dos partidos* (...) [oportunistas]: *reconhecer em palavras a revolução e alardear perante os operários frases pomposas acerca do seu reconhecimento da revolução, mas de facto ter uma atitude puramente reformista para com os rudimentos, os germes, as manifestações de crescimento da revolução que constituem todas as acções de massas que quebram as leis burguesas, saem de toda a legalidade, por exemplo, as greves de massas, as manifestações de rua, os protestos dos soldados, os comícios entre as tropas, a difusão de panfletos nos quartéis e acampamentos, etc.*

---

[75] *Vide Que Fazer?*, pp. 166 a 168. (*N. Ed.*)

Se perguntarmos a qualquer (...) [oportunista] *se o seu partido realiza esse trabalho sistemático, ele responder-vos-á ou com frases evasivas, que dissimulam a ausência desse trabalho – inexistência da organização e do aparelho necessário, incapacidade do seu partido para o realizar –, ou com declamações contra o "putschismo", o anarquismo, etc. E é nisto que consiste a traição à classe operária* (...)

Mas só hipócritas ou idiotas podem não compreender que os êxitos particularmente rápidos da revolução na Rússia estão ligados *a um trabalho de muitos anos do partido revolucionário no sentido indicado, em que durante muitos anos se criou sistematicamente uma aparelho ilegal para dirigir as manifestações e as greves, para trabalhar no seio das tropas, se estudou em pormenor os meios, se redigiu literatura ilegal que fazia o balanço da experiência e educava todo o partido na ideia da necessidade da revolução, se formava os chefes das massas para semelhantes casos, etc., etc.*»[76]

Pensamos que estas teses de Lénine sobre a construção da organização de revolucionários podem também hoje servir de orientação aos comunistas. Pelo menos deve-se formar uma atitude consciente em relação a elas. Só então se poderá prosseguir na resolução das tarefas que se colocam ante o movimento operário.

Lénine, por mais de uma vez, expressou o desejo de que seria preferível ler menos os clássicos do marxismo, mas lê-los de forma mais aplicada, melhor, reflectindo mais seriamente sobre o que se lê. Não declamar simplesmente certas teses marxistas, mas saber resolver primeiro teoricamente os problemas para depois convencer a organização, o partido a as massas da justeza da decisão – eis o que se exige de um revolucionário marxista.

---

[76] *Sobre As Tarefas da III Internacional (1919),* V.I. Lénine, *Obras Escolhidas* em seis tomos, Ed. Avante! – Ed. Progresso, Lisboa – Moscovo, 1986, t. 4, pp. 316-318. (*N. Ed.*)